

Cerâmica comum romana

ANTÓNIA COELHO-SOARES
CARLOS TAVARES DA SILVA

A cerâmica comum estudada reduz-se à proveniente de contextos do Alto Império, mais precisamente do século I d.C.: por um lado, a da Fase IIA de ocupação (funcionamento de suposta olaria augustana-tiberiana identificada através da Sondagem D); por outro, a da Fase IIB (Cs. 6, 5B e 5A da Sondagem C, camadas datáveis de meados e segunda metade do século I d.C.). A cerâmica comum exumada dos níveis do Baixo Império, além de escassa, ressent-se do facto de aqueles se terem revelado contextos pouco fiáveis.

Conjunto augustano-tiberiano

A cerâmica comum augustana-tiberiana (NMI=67) distribui-se pelas categorias morfo-funcionais patentes no Quadro 1.

Com pastas, na sua esmagadora maioria, indicando produção sadina, só três indivíduos (dois almofarizes e duas tampas, uma delas um opérculo de ânfora) teriam sido importados.

Produção local/regional

Cerâmica de armazenamento¹

Os potes, em número de três, apresentam dois tipos de bordo: encurvado para o exterior (diâmetro interno da boca *ca* 140mm e 170mm) sobre colo

subcilíndrico (Fig. 1, nºs 1 e 2); oblíquo, formando garganta interna e com a face externa convexa, sobre colo curto e estrangulado (Fig. 1, nº 3).

Um potinho (Fig. 1, nº 4) possui bordo simples na continuação de colo subcilíndrico.

Cerâmica de cozinha

Quatro exemplares (Fig. 1, nºs 5-8), com diâmetro interno da boca de *ca* 220 a 240mm, bordo em aba horizontal de secção rectangular e parede do bojo a tender para rectilínea, podem ser classificados como alguidares. A extremidade interna do bordo é reentrante e mostra-se rectilínea ou ligeiramente côncava; a externa é muito frequentemente espessada. Esta forma de bordo, em alguidares e tachos, é comum na lixeira augustana-tiberiana de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002, Figs. 17-18).

O recipiente nº 9 (Fig. 1), de bordo muito semelhante aos dos presumíveis alguidares referidos anteriormente, possui a parede do bojo curvilínea e parece ser menos fundo, pelo que o considerámos pertencente ao grupo dos tachos.

Quatro fragmentos com bordo em S, de face externa vertical, rectilínea ou, raramente, convexa, e com garganta interna (Fig. 1, nºs 10-11 e Fig. 2, nº 12), pertencem provavelmente a panelas. O diâmetro interno da boca varia entre 130mm e 180mm.

1 - Na ordem de apresentação do material, procurámos seguir a do processamento dos alimentos, desde o armazenamento ao consumo (cerâmica de mesa).

Quadro 1 -Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Distribuição dos tipos morfo-funcionais da cerâmica comum pelos contextos augustano-tiberianos (A) e claudiano-flavianos (B). 1 - Produção local/regional; 2 - produção exógena.

Tipo morfo-funcional	A		B	
	1	2	1	2
Armazenamento	4	-	14	-
Potinho	1	-	4	-
Pote	3	-	3	-
Talha	-	-	7	-
Cozinha	9	2	19	2
Almofariz	-	2	-	2
Alguidar	4	-	1	-
Tacho	1	-	8	-
Panela	4	-	10	-
C. de mesa	20	-	13	1
Prato	4	-	2	-
Tigela	15	-	7	-
Terrina	-	-	1	-
Jarro	1	-	2	-
Bilha	-	-	1	1
Diversos	30	2	21	-
Tampas	26	2	19	-
Pesos	4	-	2	-
Total	63	4	67	3

Cerâmica de mesa

Foram identificados quatro exemplares de pratos, três de parede alta e ligeiramente curvilínea (Fig. 2, nº 13); e um de parede rectilínea (Fig. 2, nº 14) e baixa; o bordo é simples; diâmetro interno da boca com *ca* 200mm a 410mm.

As tigelas (Fig. 2, nºs 15-20 e Fig. 3, nºs 21-23) constituem o grupo, quantitativamente, melhor

representado. Com o NMI=15, predomina a forma em calote hemisférica, de bordo direito ou ligeiramente arqueado, por vezes com ténue espessamento interno; um exemplar (Fig. 3, nº 23), pelo contrário, apresenta o bordo ligeiramente extrovertido. O diâmetro da boca oscila entre *ca* 140mm e 170mm.

Um jarro (Fig. 3, nº 24) de bordo simples e extrovertido e de colo alto e côncavo é muito semelhante a exemplar exumado da lixeira augustano-tiberiana de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002, Fig. 19, nº 231).

Diversos

As tampas distribuem-se pelos seguintes grupos morfológicos:

- de bordo simples e parede rectilínea ou côncava (Fig. 3, nºs 25-30), com dois subgrupos: tampas com diâmetros compreendidos entre 80 e 100mm, utilizadas sobretudo como opérculos de ânforas (NMI=12); de diâmetro superior a 290mm (Fig. 3, nº 29 a 30), podendo atingir 370mm (NMI=11);

- de bordo com espessamento externo pouco acentuado e parede rectilínea (NMI=1 – Fig. 3, nº. 31)

- de perfil em S, formando campânula de bordo simples (NMI=1 – Fig. 3, nº 32);

- de bordo em aba sub-horizontal, cuja face inferior possui canelura perimetral destinada a encaixe (NMI=1 – Fig. 3, nº 33).

O último exemplar (nº 33) encontra paralelo em tampa proveniente da lixeira augustano-tiberiana de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002, Fig. 20, nº 242).

Dos níveis augustanos-tiberianos da Sondagem D foram ainda exumados quatro pesos de tear (Fig. 4, nºs 34-37) de forma subparalelipipédica, de secção rectangular, com furo de suspensão cilíndrico (sem vestígios de utilização). A altura varia entre 76mm e 95mm, a largura máxima entre 58mm e 78mm e o peso entre 349gr e 569gr.

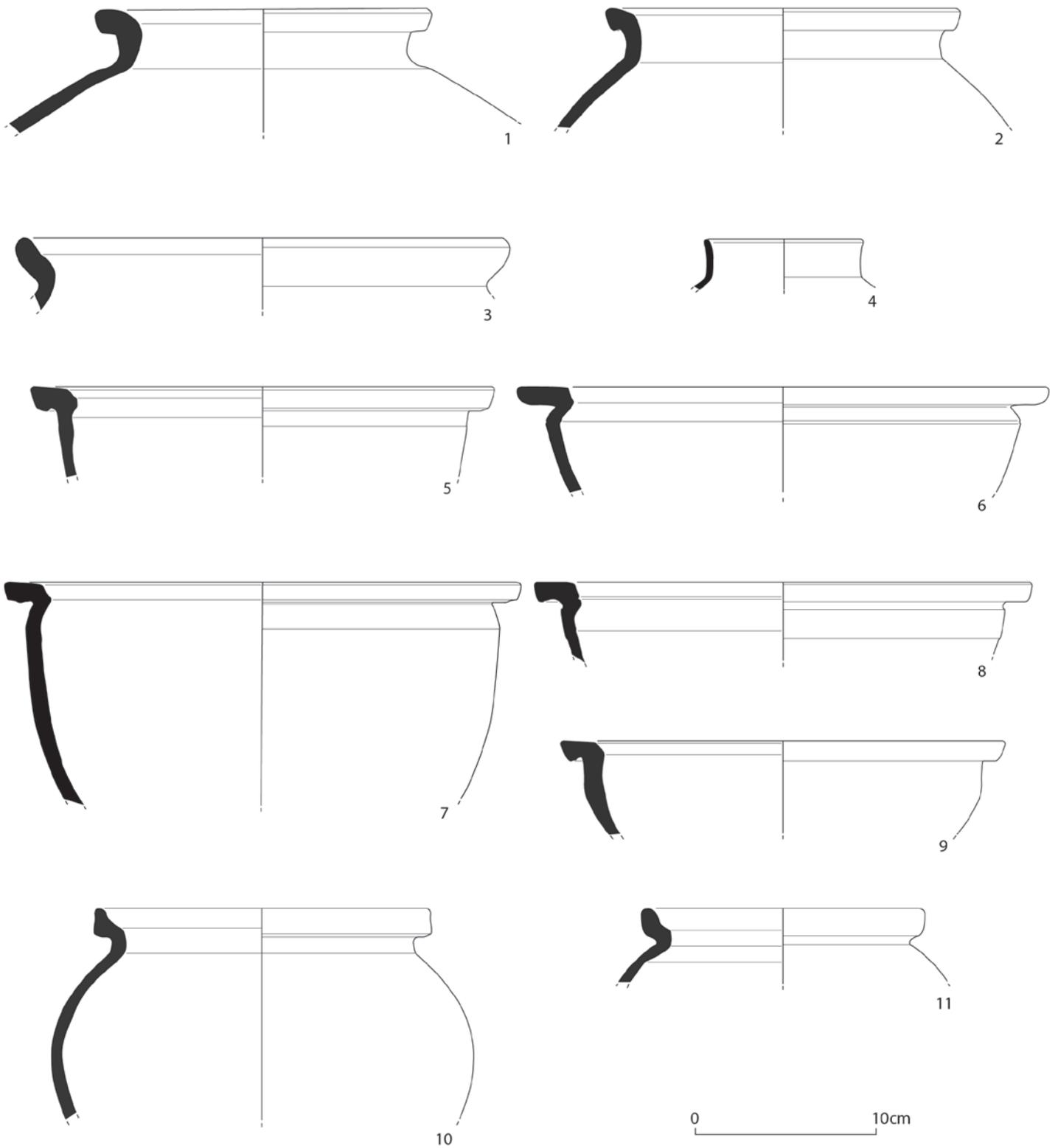


Fig. 1 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum augustana-tiberiana (Sond. D, Q. G6, Cs. 6-9) de produção presumivelmente local. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

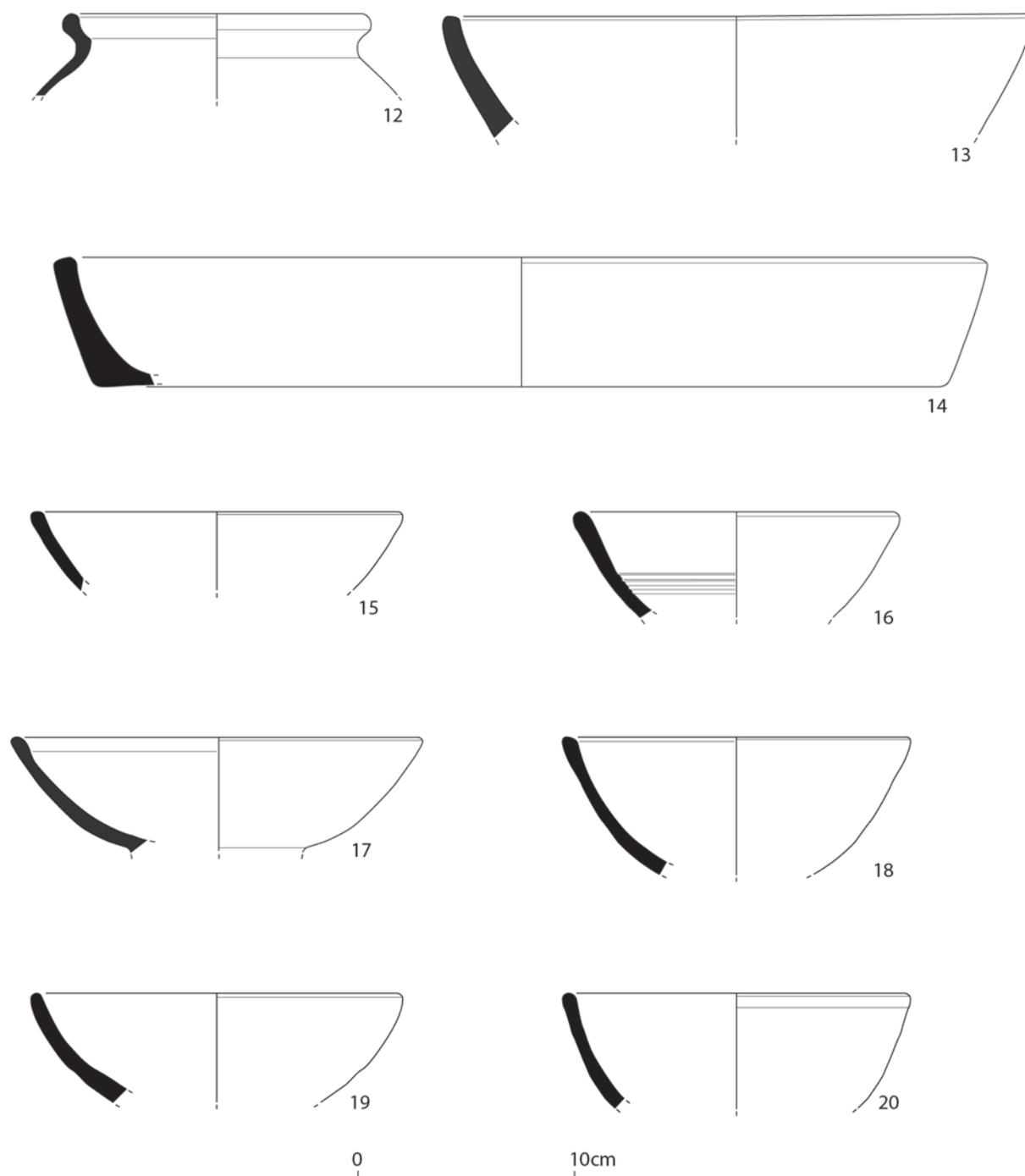


Fig. 2 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum augustana-tiberiana (Sond. D, Q. G6, Cs. 6-9) de produção presumivelmente local. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

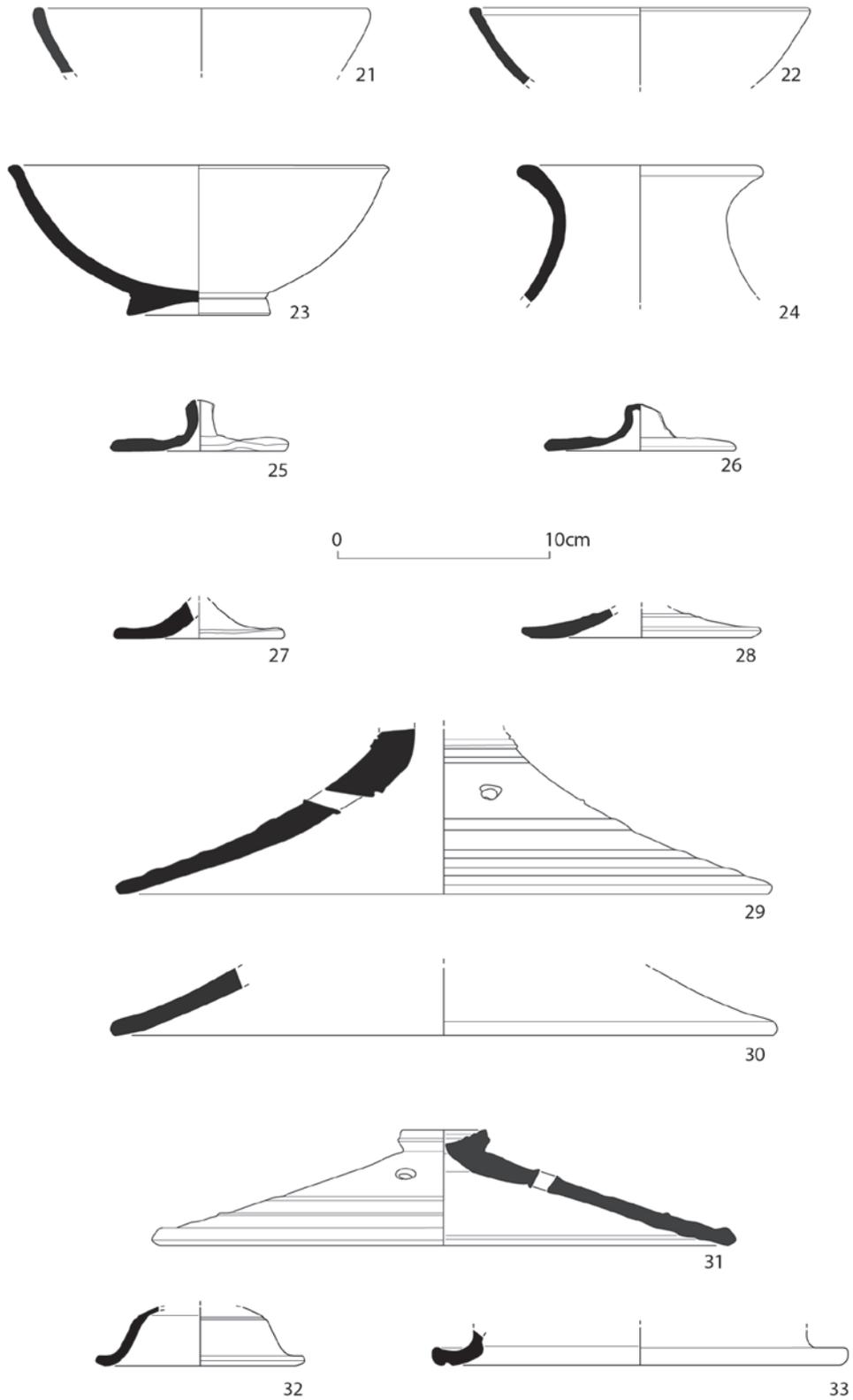


Fig. 3 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum augustana-tiberiana (Sond. D, Q. G6, Cs. 6-9) de produção presumivelmente local. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

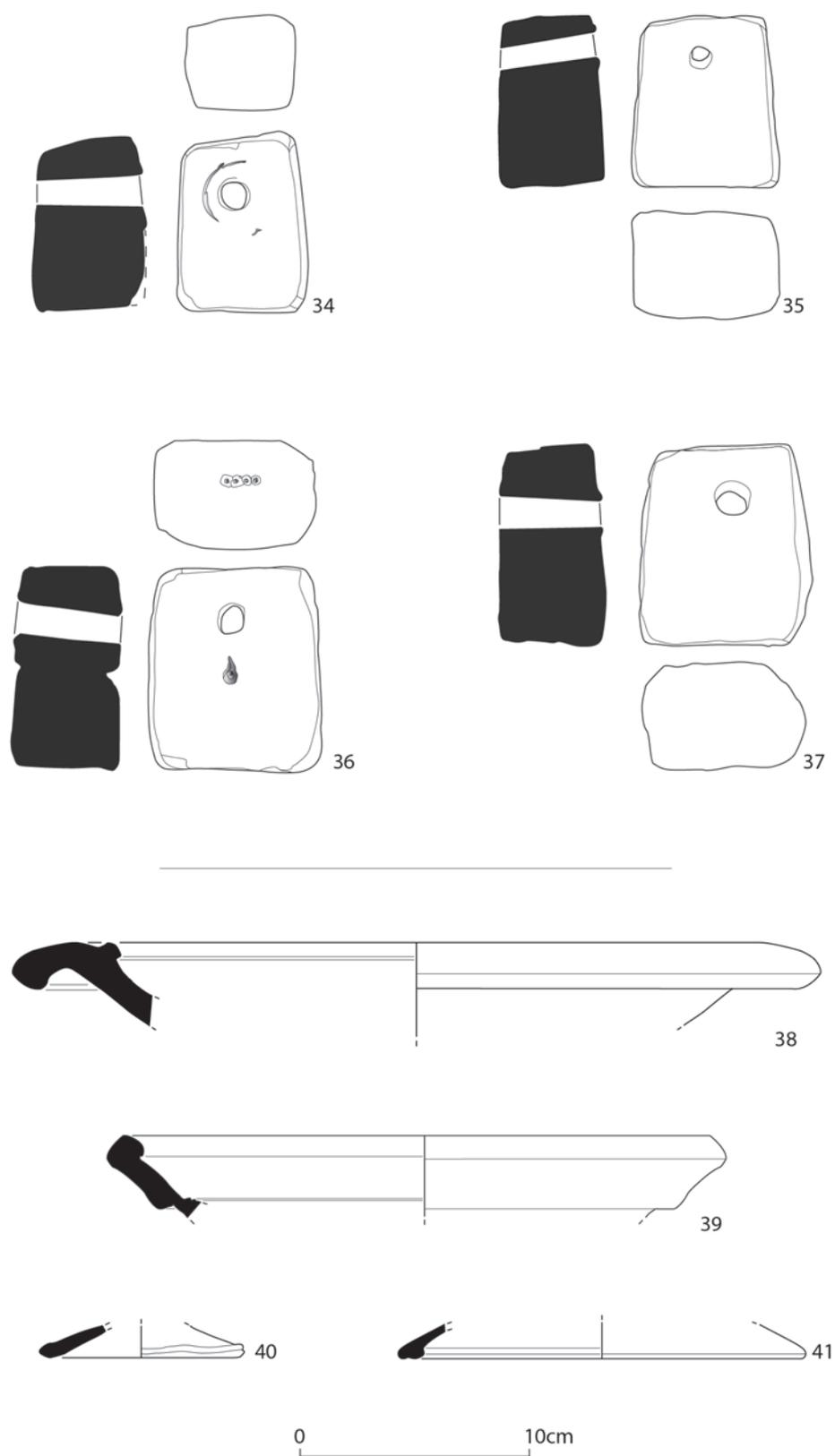


Fig. 4 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum augustana-tiberiana (Sond. D, Q. G6, Cs. 6-9) de produção presumivelmente local (n^os 34 a 37) e de produção exógena (n^os 38 a 41). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

Produção exógena

Cerâmica de cozinha

Surgiram dois almofarizes, importados. Um é da forma Dramont D1 (Sondagem D, Q. G6, C.9 – Fig. 4, nº 38). Pelas características macroscópicas da pasta e pela presença na superfície interna de elementos negros (de origem vulcânica), parece ter sido produzido na região do centro de Itália (Aguarod Otal, 1991, p. 44).

O outro almofariz (Sondagem D, Q. G6, C. 7B – Fig. 4, nº 39) é do tipo de bordo reentrante (Quaresma, 2006). De acordo com este autor, integra-se na Fase I da produção destes almofarizes, que se caracteriza por possuir moldura na superfície externa. O nosso exemplar tem bons paralelos em peças do horizonte augustano-tiberiano de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002, Fig. 12).

Diversos

Um opérculo de ânfora, de pasta bege, teria sido importado (Fig. 4, nº 40).

Uma outra tampa (Fig. 4, nº 41), de bordo com espessamento interno e lábio aplanado, possuindo sulco perimetral para encaixe, teria sido igualmente importada. Este exemplar possui um paralelo em tampas exumadas da lixeira augustano-tiberiana de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002, Fig. 11, nºs 104-106).

Conjunto de meados e 2ª metade do século I d.C.

Com a cerâmica comum claudiana-flaviana (NMI=70) – Cs. 6, 5B e 5A da Sondagem C –, as peças importadas continuam a ser escassas (três exemplares), dominando esmagadoramente as pastas do tipo Sado/Tejo.

Produção local/regional

Cerâmica de armazenamento

Nos potinhos (NMI=4) distinguimos três formas: de bordo oblíquo com garganta interna (Fig. 5, nºs 42 e 43); de bordo com espessamento, formando aba muito curta e sem colo (Fig. 5, nº 45); de bordo encurvado para o exterior e colo subcilíndrico (Fig. 5, nº 44). Este último exemplar mostra a superfície externa de cor negra e com zonas horizontais brunidas.

Os potes (NMI=3) compreendem três formas: de bordo introvertido com o lábio convexo (Fig. 5, nº 46); de bordo em aba oblíqua e de secção sub-rectangular, com a extremidade exterior espessada, que encima colo muito curto e estrangulado (Fig. 5, nº 47); de bordo em aba horizontal sobre colo côncavo (Fig. 5, nº 48).

O bordo das talhas (NMI=7) é sub-horizontal ou oblíquo, com ressalto por vezes formando moldura na transição para o bojo (Fig. 5, nºs 49-51). Os fundos são em bolacha saliente em relação ao bojo (Fig. 5, nº 52 e Fig. 6, nº 53).

Cerâmica de cozinha

Só um exemplar (Fig. 6, nº 54) foi considerado como podendo ter pertencido a um alguidar. O bordo é em aba horizontal de secção sub-rectangular; a parede do bojo é rectilínea.

Uma vez mais encontramos bordos em aba sub-horizontal e de secção sub-rectangular, com a extremidade interna reentrante (Fig. 6, nºs 55-57), no que designámos por tacho (NMI=8). Muitos destes bordos, com diâmetro interno de 150 a 300mm, confundem-se com os dos alguidares; a diferença reside, quanto a nós, na parede do bojo que, nos tachos, é curvilínea, enquanto nos alguidares é rectilínea.

Dois exemplares de tacho (Fig. 6, nºs 58 e 59), embora com o bordo em aba, diferenciam-se dos anteriores, pois a aba é menos espessa, de secção biconvexa e possui a extremidade interna pouco reentrante e também convexa.

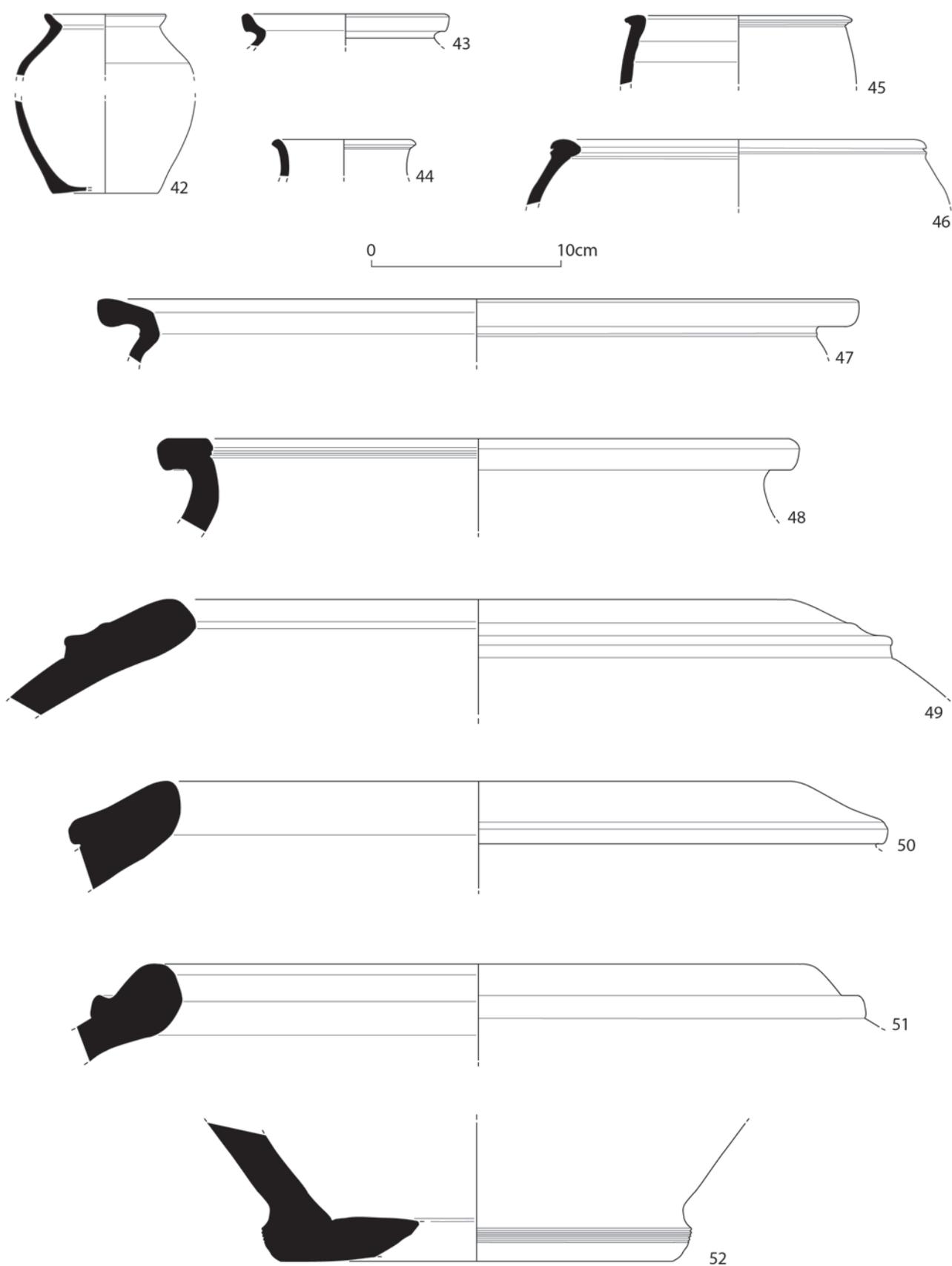


Fig. 5 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum de meados e 2ª metade do século I d.C. (Sond. C, Cs. 5A a 6) de produção Sado/Tejo. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

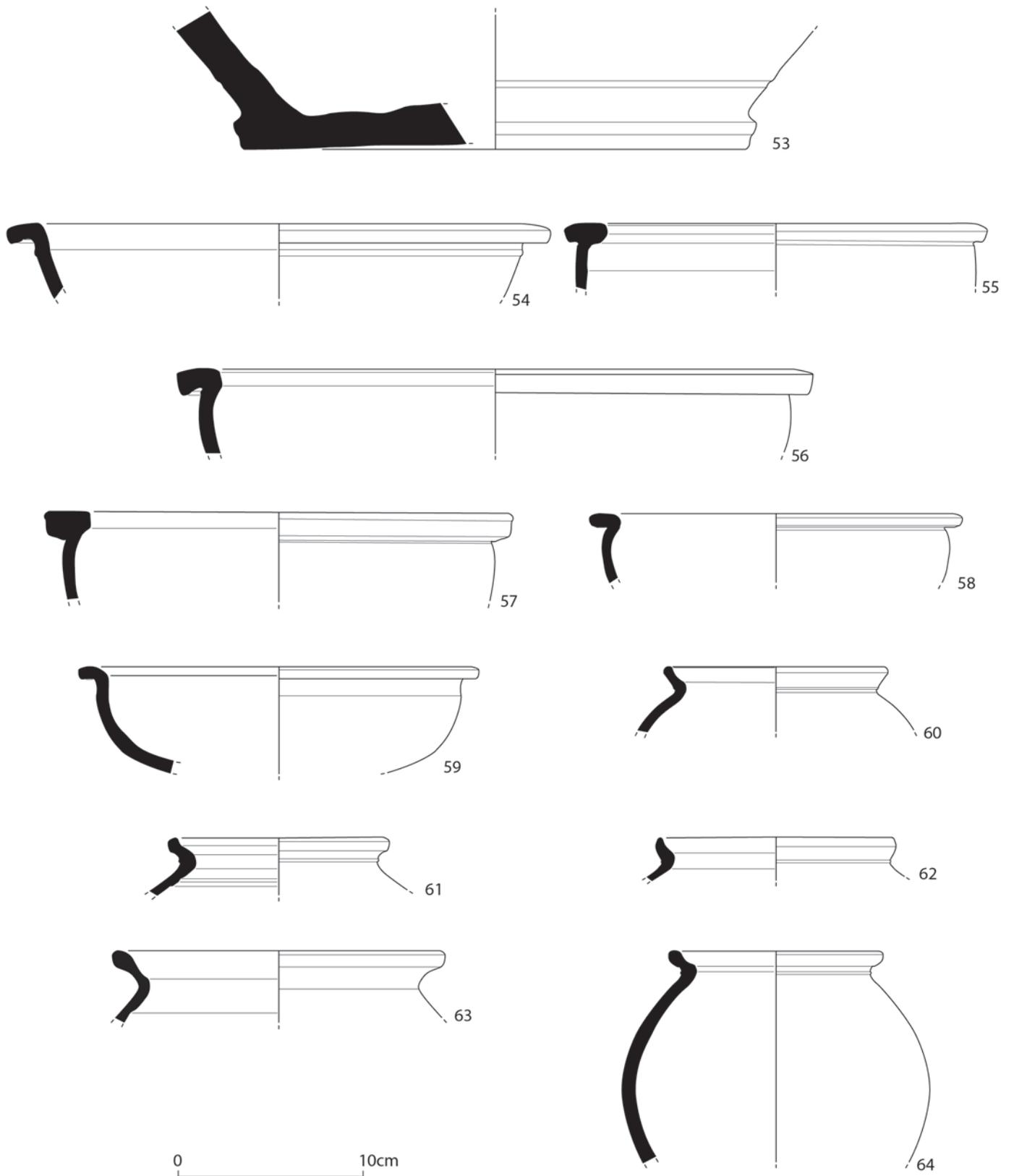


Fig. 6 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum de meados e 2ª metade do século I d.C. (Sond. C, Cs. 5A a 6) de produção Sado/Tejo. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

As panelas (NMI=10), cujo diâmetro interno da boca se situa entre 110 e 180mm, apresentam um único tipo de bordo: oblíquo, formando garganta interna. O colo é curto e estrangulado e o bojo, esferoidal/ovoide (Fig. 6, n^{os} 60-64 e Fig. 7, n^{os} 65-67).

Cerâmica de mesa

Os pratos (NMI=2) estão representados por um prato covo de parede e bordo ligeiramente encurvados para o interior (Fig. 7, n^o 68) e por um outro de bordo em aba com canelura na periferia (Fig. 7, n^o 69).

Nas tigelas (NMI=7) predominam as de tendência hemisférica, bordo direito ou ligeiramente arqueado, por vezes com ténue espessamento interno; os diâmetros da boca variam entre 120 e 160mm (Fig. 7, n^{os} 70-72).

O n^o 73 (Fig. 7) pode ter pertencido a uma terrina. O bordo é em aba dobrada sobre o ombro, internamente reentrante e com a face superior convexa; parede do bojo arqueada.

Atribuíveis a jarros, surgiram dois bocais: um sobre colo estreito e ligeiramente côncavo (Fig. 7, n^o 74); outro de bordo extrovertido no prolongamento de colo acentuadamente côncavo (Fig. 7, n^o 75).

Na cerâmica de mesa incluímos ainda uma pequena bilha (n^o 76).

Diversos

As tampas têm bordo simples e parede rectilínea ou côncava, com diâmetros distribuídos por dois grupos: entre 80 e 100mm (NMI=8) – teriam sido utilizadas como opérculos de ânforas (Fig. 8, n^{os} 77-79); entre 160 e 270mm (NMI=11 - Fig. 8, n^{os} 80 e 81).

No que se refere à cerâmica industrial, possuímos dois pesos de tear, um troncocónico e outro paralelepipedico, ambos de secção rectangular e com furo de suspensão cilíndrico (Fig. 8, n^{os} 82 e 83).

Produção exógena

Cerâmica de cozinha

Foram exumados dois almofarizes: um (Fig. 9, n^o 84), proveniente da Sondagem C, C. 6, de bordo arredondado e moldura externa sob o bordo, integra-se na Fase 1 da evolução desta forma (Quaresma, 2006), fase que, cronologicamente, parece não ultrapassar a época Claudiana; outro (Fig. 9, n^o 85), que integrava a C.5 A da mesma sondagem, de bordo em martelo e pé anelar de secção sub-rectangular, pertence à Fase 2, cujo desenvolvimento teria ocorrido durante o Alto Império, a partir de meados do século I (Quaresma, 2006).

Cerâmica de mesa

Na Sondagem C, C. 5A, surgiu uma pequena bilha, de pasta muito fina e de cor banco-amarelada, provida de vertedor (Fig. 9, n^o 86); pode ter sido utilizada no serviço de mesa.

Tendo em vista perceber possíveis tendências evolutivas da cerâmica comum romana da RAJG.19, na passagem da fase augustana-tiberiana para a claudiana-flaviana, e a título de mero ensaio, isolámos alguns caracteres nos seguintes elementos morfológicos: bordo e colo de grandes potes e bordo de talhas, alguidares/tachos e panelas:

1. Bordo e colo de grandes potes e talhas:

a) colo cilíndrico e bordo revirado para o exterior;

b) ausência de colo e bordo muito inclinado para o interior.

2. Bordo de alguidares/tachos:

a) em aba horizontal, espessa, de perfil sub-rectangular, com a extremidade interna reentrante plana ou ligeiramente côncava;

b) em aba horizontal, pouco espessa, de secção biconvexa e de extremidade interna reentrante também convexa.

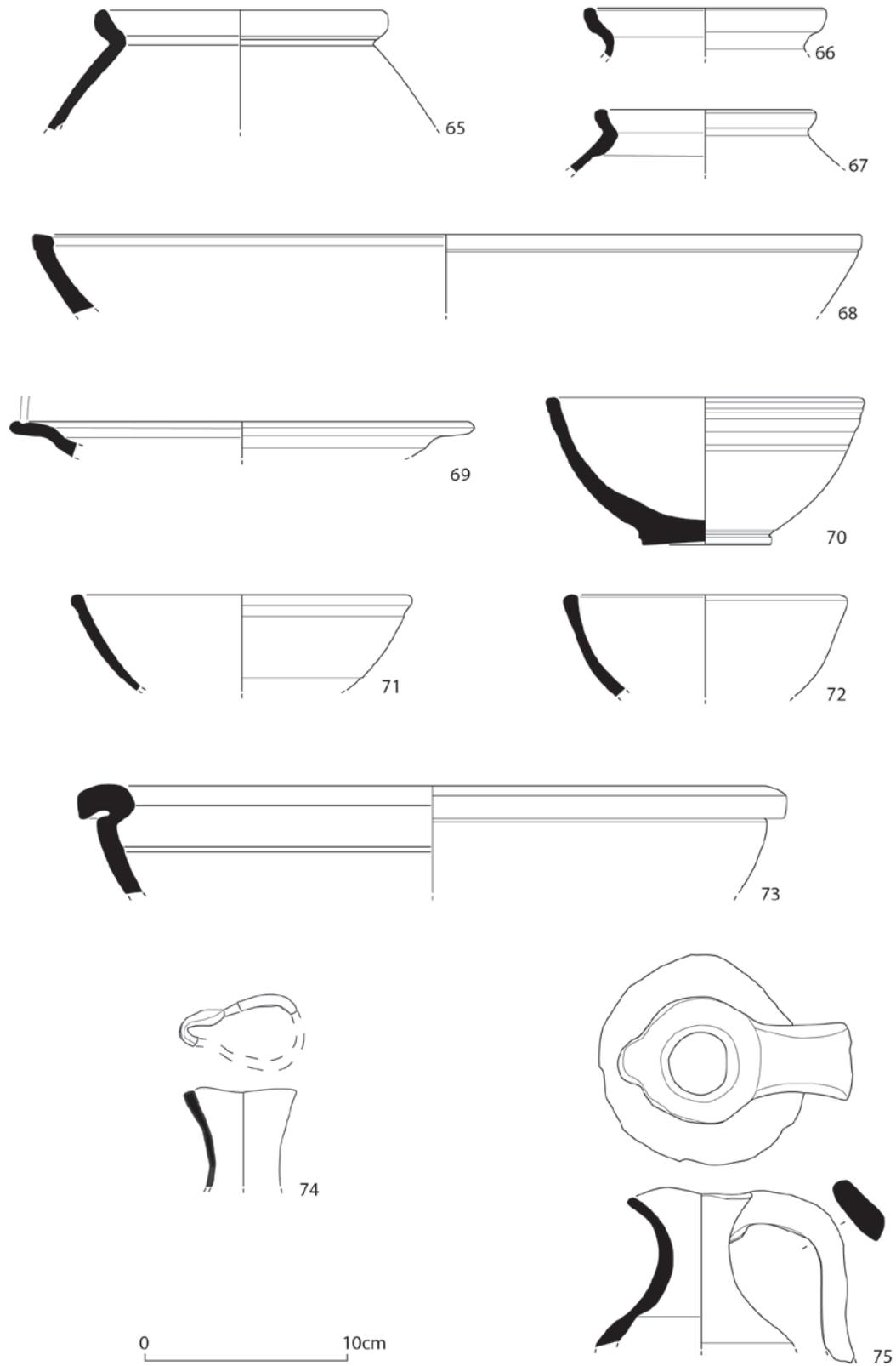


Fig. 7 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum de meados e 2ª metade do século I d.C. (Sond. C, Cs. 5A a 6) de produção Sado/Tejo. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

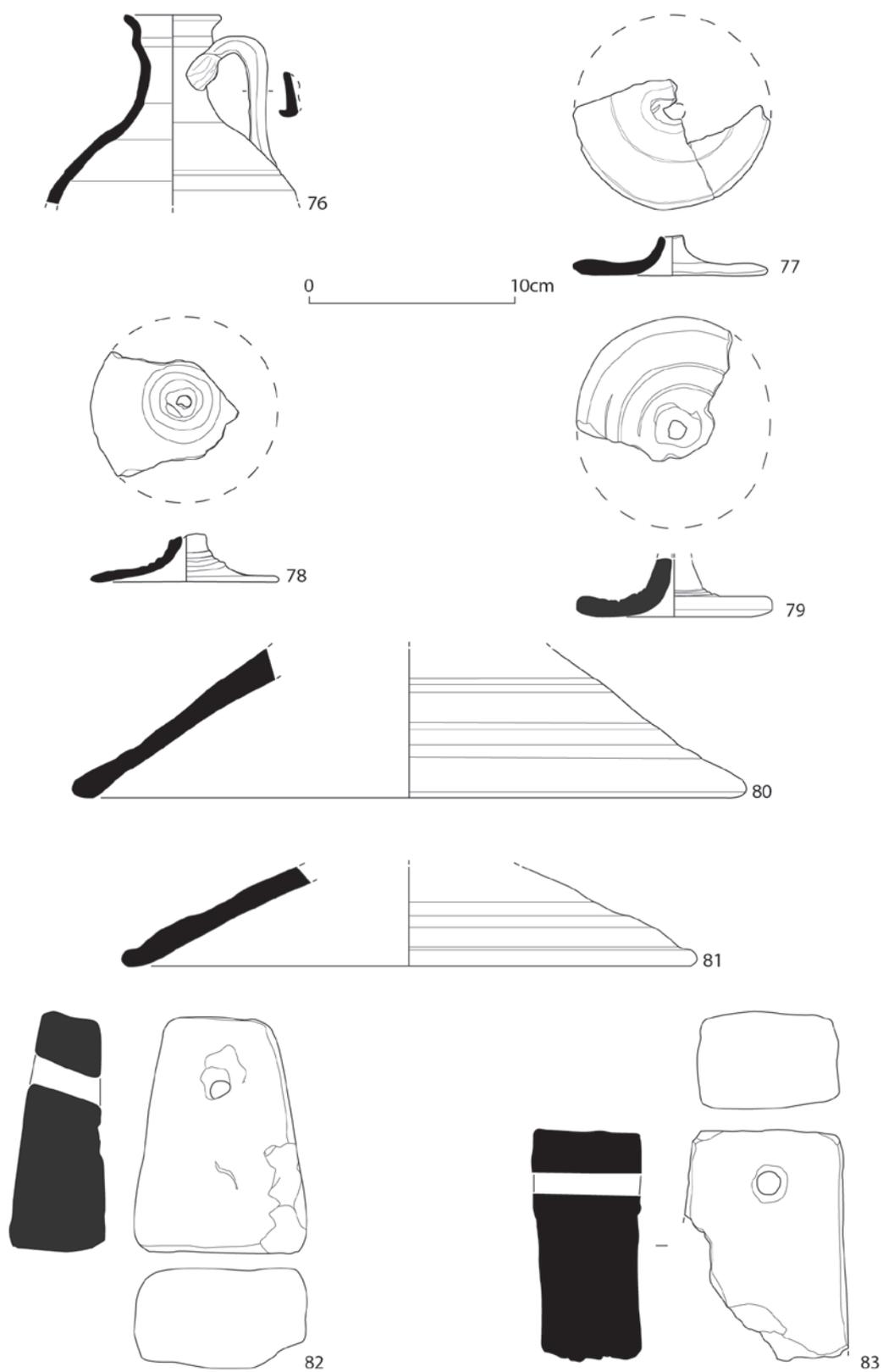


Fig. 8 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum de meados e 2ª metade do século I d.C. (Sond. C, Cs. 5A a 6) de produção Sado/Tejo. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

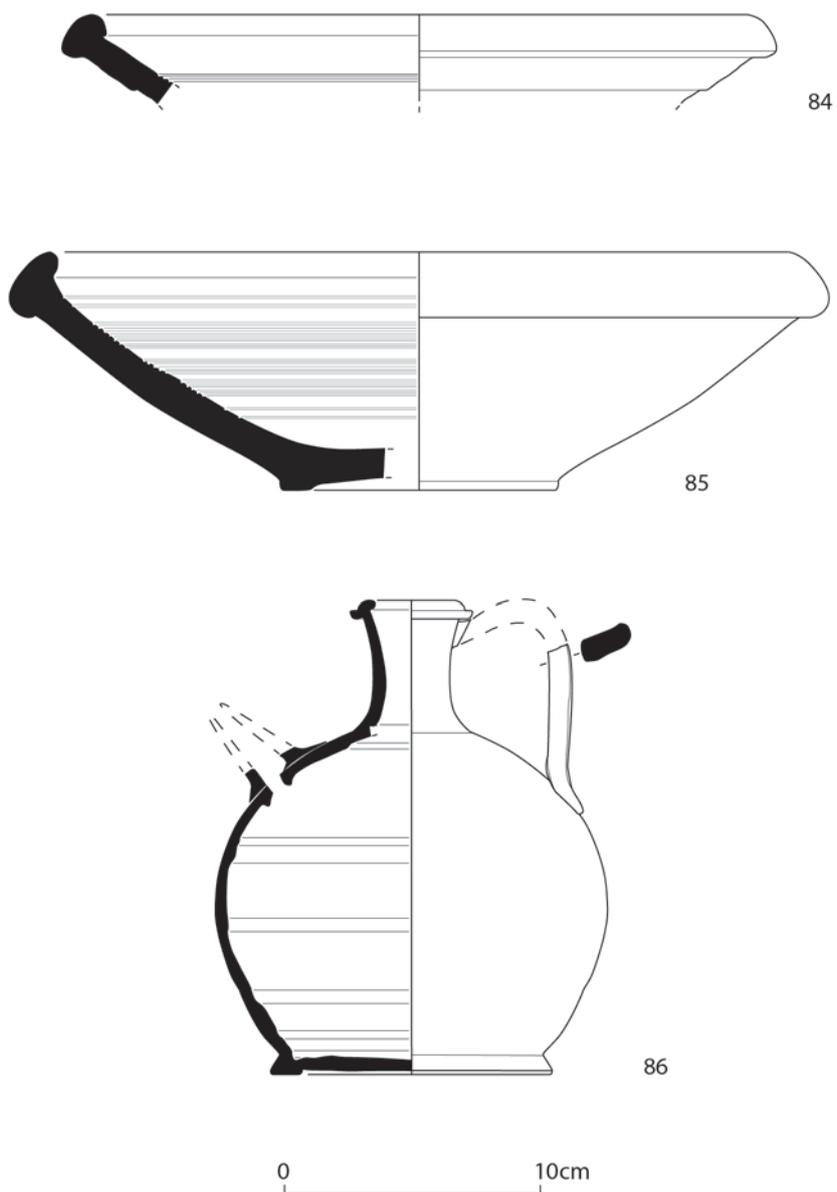


Fig. 9 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica comum de meados e 2ª metade do século I d.C. (Sond. C, Cs. 5A a 6) de produção exógena. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

3. Bordo de panelas:

a) formando garganta interna e com a face externa vertical e plana;

b) formando garganta interna e com a face externa oblíqua e convexa.

A distribuição destes caracteres pelos dois conjuntos (A e B) é apresentado no Quadro 2.

Verifica-se, pois, no que respeita aos grandes potes, talhas, alguidares/tachos e panelas da RAJG. 19, que na fase augustana-tiberiana (conjunto A) estão presentes grandes potes de colo cilíndrico e bordo revirado para o exterior (Fig. 1, nºs 1 e 2) que parecem revelar tradição enraizada no período romano-republicano (cf. por exemplo Castelo da Lousa – Pinto, 2010); as talhas de bordo muito inclinado para o exterior que começam a ocorrer em outros contextos da mesma época – lixeira augustana-tiberiana de Abul A (Mayet & Tavares da Silva, 2002, Fig. 20, nºs. 238 a 240) – estão (por enquanto) ausentes (atenda-se, porém, à presença de tampas que poderiam corresponder a este tipo de recipiente – Fig. 3, nºs 30 a 31); nos alguidares/tachos predominam os bordos em aba horizontal,

de secção sub-rectangular, com a extremidade interna reentrante plana ou côncava e a externa por vezes engrossada (Fig. 1, nºs 6 a 9), sendo vestigiais os de extremidade interna convexa (Fig. 1, nº 5); o bordo formando garganta interna, o qual é muito comum neste horizonte cronológico, não só nas panelas (Fig. 1, nºs 10 e 11 e Fig. 2, nº 2), mas também em potes (Fig. 1, nº 3), apresenta, na sua maioria, a face externa rectilínea e vertical (Fig. 1, nºs 10 e 11).

No conjunto claudiano-flaviano (B), os grandes potes de colo cilíndrico e bordo revirado para o exterior estão ausentes; são comuns as talhas de bordo muito inclinado para o interior (Fig. 5, nºs 49 a 51); predominam, nos alguidares/tachos, como no conjunto A, os bordos em aba horizontal, mas agora mostram-se, em geral, menos espessos e com a extremidade interna convexa (Fig. 6, nºs 55, 58 e 59); o bordo formando garganta interna, que se mantém muito frequente em meados e na 2ª metade do século I d.C., é quase sempre caracterizado por possuir a face externa oblíqua e convexa (Fig. 6, nºs 60 a 64 e Fig. 7, nºs 65 a 67).

Quadro 2 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Distribuição de caracteres identificados em bordos de potes/talhas (1), de alguidares/tachos (2) e de panelas (3) pelos contextos augustano-tiberianos (A) e claudiano-flavianos (B).

Caracteres	Conjuntos cerâmicos	
	A	B
1	a	+
	b	-
2	a	+++
	b	+
3	a	+++
	b	+

- ausente
+ pouco frequente
++ frequente
+++ muito frequente

Catálogo

Conjunto augustano-tiberiano

Produção local/regional²

Cerâmica de armazenamento

1 - RAJG.19/648. Sond. D, Q. G6, C. 7B. Pote de bordo encurvado para o exterior e colo subcilíndrico. Diâmetro interno da boca (Dib) *ca* 140mm.

2 - RAJG.19/638. Sond. D, Q. G6, C.8. Pote de bordo encurvado para o exterior e colo subcilíndrico. Dib *ca.* 170 mm.

3 - RAJG.19/679. Sond. D, Q. G6, C.8. Pote de bordo oblíquo, formando garganta interna.

2 - Pastas afins das identificadas nas olarias romanas do Baixo Sado (cf. Mayet, Schmitt & Tavares da Silva, 1996, p. 133-150).

Dib *ca.* 260 mm.

4 - RAJG.19/658. Sond. D, Q. G6, C. 6A. Potinho de colo subcilíndrico e bordo simples e direito. Dib *ca.* 80 mm.

5 - RAJG.19/661. Sond. D, Q. G6, C. 7B. Alguidar de bordo em aba horizontal. Dib *ca.* 220 mm.

6 - RAJG.19/654. Sond. D, Q. G6, C. 6. Alguidar de bordo em aba horizontal. Dib *ca.* 240 mm.

7 - RAJG.19/845. Sond. D, Q. G6, C. 8. Alguidar de bordo em aba horizontal. Dib *ca.* 240 mm.

8 - RAJG.19/611. Sond. D, Q. G6, C. 8. Alguidar de bordo em aba horizontal. Dib *ca.* 240 mm.

9 - RAJG.19/655. Sond. D, Q. G6, C. 6. Tacho de bordo em aba horizontal. Dib *ca.* 200 mm.

10 - RAJG.19/670. Sond. D, Q. G6, C. 8. Painela de bordo em S, formando garganta interna. Dib *ca.* 180 mm.

11 - RAJG.19/682. Sond. D, Q. G6, C. 8. Painela de bordo em S, formando garganta interna. Dib *ca.* 140 mm.

12 - RAJG.19/663. Sond. D, Q. G6, C. 7C. Painela de bordo em S, formando garganta interna. Dib *ca.* 130 mm.

Cerâmica de mesa

13 - RAJG.19/616. Sond. D, Q. G6, C. 8. Prato. Dib *ca.* 240 mm.

14 - RAJG.19/669. Sond. D, Q. G6, C. 8. Prato. Dib *ca.* 410 mm.

15 - RAJG.19/634. Sond. D, Q. G6, C. 6. Tigela. Dib *ca.* 160 mm.

16 - RAJG.19/639. Sond. D, Q. G6, C. 8. Tigela. Dib *ca.* 140 mm.

17 - RAJG.19/676. Sond. D, Q. G6, C. 9. Tigela. Dib *ca.* 180 mm.

18 - RAJG.19/632. Sond. D, Q. G6, C. 6. Tigela. Dib *ca.* 140 mm.

19 - RAJG.19/608. Sond. D, Q. G6, C. 8. Tigela. Dib *ca.* 160 mm.

20 - RAJG.19/694. Sond. D, Q. G6, C. 6B. Tigela. Dib *ca.* 150 mm.

21 - RAJG.19/642. Sond. D, Q. G6, C. 8. Tigela. Dib *ca.* 150 mm.

22 - RAJG.19/621. Sond. D, Q. G6, C. 8. Tigela. Dib *ca.* 150 mm.

23 - RAJG.19/47. Sond. D, Q. G6, C. 8. Tigela. Dib *ca.* 170 mm.

24 - RAJG.19/668. Sond. D, Q. G6, C. 8. Jarro de colo côncavo. Dib *ca.* 100 mm.

Diversos

25 - RAJG.19/613. Sond. D, Q. G6, C. 8. Tampa. Diâmetro *ca.* 85 mm.

26 - RAJG.19/652. Sond. D, Q. G6, C. 6. Tampa. Diâmetro *ca.* 90 mm.

27 - RAJG.19/697. Sond. D, Q. G6, C. 6B. Tampa. Diâmetro *ca.* 80 mm.

28 - RAJG.19/664. Sond. D, Q. G6, C. 7C. Tampa. Diâmetro *ca.* 100 mm.

29 - RAJG.19/672. Sond. D, Q. G6, C. 8. Tampa. Diâmetro *ca.* 310 mm.

30 - RAJG.19/649. Sond. D, Q. G6, C. 7B. Tampa. Diâmetro *ca.* 320 mm.

31 - RAJG.19/653 e 631. Sond. D, Q. G6, C. 6. Tampa. Diâmetro *ca.* 270 mm.

32 - RAJG.19/674. Sond. D, Q. G6, C. 9. Tampa de perfil em S. Diâmetro *ca.* 100 mm.

33 - RAJG.19/695. Sond. D, Q. G6, C. 6B. Tampa de bordo em aba com canelura perimetral destinada a encaixe. Diâmetro *ca.* 200 mm.

34 - RAJG.19/673. Sond. D, Q. G6, C. 9. Peso subparalelepípedo. Altura 76mm; largura máxima 58mm; peso 349gr. Furo de suspensão cilíndrico.

35 - RAJG.19/757. Sond. D, Q. G6, C. 8. Peso subparalelepípedo. Altura 77mm; largura máxima 66mm; peso 363gr. Furo de suspensão cilíndrico.

36 - RAJG.19/758. Sond. D, Q. G6, C. 8. Peso subparalelepípedo. Altura 95mm; largura máxima 78mm; peso 569gr. Furo de suspensão cilíndrico.

37 - RAJG.19/759. Sond. D, Q. G6, C. 8. Peso subparalelepípedo. Altura 90mm; largura máxima 78mm; peso 512gr. Furo de suspensão cilíndrico.

Produção exógena

Cerâmica de cozinha

38 - RAJG.19/677. Sond. D, Q. G6, C. 9. Almofariz da forma Dramont D1. Dib *ca* 260mm. Pasta muito depurada e compacta (raros e.n.p. visíveis a olho nu); fractura concoidal; núcleo de cor rosada (Munsell 2.5 YR 6/4), superfície interna bege (Munsell 7.5 YR 6/4) e externa (aguada?) branco-rosada (Munsell 7.5 YR 8/2). Á lupa a superfície interna revela numerosas inclusões de cor negra.

39 - RAJG.19/650. Sond. D, Q. G6, C. 7B. Almofariz de bordo reentrante; moldura na superfície externa. Dib *ca* 250mm. Pasta muito depurada e compacta (raros e.n.p. visíveis a olho nu); núcleo de cor rosada (Munsell 7.5 YR 7/4), superfícies beges claras (Munsell 10 YR 8/3).

Diversos

40 - RAJG.19/693. Sond. D, Q. G6, C. 6B. Tampa. Diâmetro *ca.* 90 mm. Pasta muito fina (raros e.n.p. >0,1mm), compacta, de cor rosada clara (Munsell 7.5 YR 7.5/4). Fractura concoidal.

41 - RAJG.19/703. Sond. D, Q. G6, C. 6B. Tampa com bordo possuindo sulco perimetral para encaixe. Diâmetro *ca.* 180 mm. Pasta muito fina (raros e.n.p. >0,1mm), compacta, de cor branco-amarelada (Munsell 2.5 Y 8/2).

Conjunto da segunda metade do século I

Produção local/regional

Cerâmica de armazenamento

42 - RAJG.19/445. Sond. C, Q. J6, C. 5A.

Potinho de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 50 mm.

43 - RAJG.19/353. Sond. C, Q. J6, C. 5C. Potinho de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 90 mm.

44 - RAJG.19/519. Sond. C, Q. K7, C. 5B. Potinho de bordo encurvado para o exterior e colo subcilíndrico. Superfície externa negra com bandas horizontais brunidas. Dib *ca.* 70 mm.

45 - RAJG.19/384. Sond. C, Q. J7, C. 6. Potinho de bordo em aba muito curta. Dib *ca.* 100 mm.

46 - RAJG.19/352. Sond. C, Q. J6, C. 6. Pote de bordo introvertido. Dib *ca.* 160 mm.

47 - RAJG.19/925. Sond. C, Q. J6, C. 6. Pote de bordo em aba oblíqua e colo estrangulado. Dib *ca.* 340 mm.

48 - RAJG.19/462. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Pote de bordo em aba horizontal e colo côncavo. Dib *ca.* 280 mm.

49 - RAJG.19/370. Sond. C, Q. J7, C. 6. Talha de bordo introvertido e oblíquo. Dib *ca.* 300 mm.

50 - RAJG.19/732. Sond. C, Q. J6, C. 5B. Talha de bordo introvertido e oblíquo. Dib *ca.* 320 mm.

51 - RAJG.19/431. Sond. C, Q. I7, C. 5A. Talha de bordo introvertido e oblíquo. Dib *ca.* 320 mm.

52 - RAJG.19/393. Sond. C, Q. J6, C. 6. Talha. Fundo plano em bolacha. Diâmetro externo *ca.* 230 mm.

53 - RAJG.19/728. Sond. C, Q. J6, C. 5B. Talha. Fundo plano em bolacha. Diâmetro externo *ca.* 300 mm.

Cerâmica de cozinha

54 - RAJG.19/738. Sond. C, Q. J6, C. 5B. Alguidar de bordo em aba horizontal, de secção sub-rectangular. Dib *ca.* 260 mm.

55 - RAJG.19/410. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tacho de bordo em aba horizontal com a extremidade interna reentrante. Dib *ca.* 180 mm.

56 - RAJG.19/432. Sond. C, Q. I7, C. 5A. Tacho de bordo em aba horizontal com a extremidade interna reentrante. Dib *ca.* 300 mm.

57 - RAJG.19/409. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tacho de bordo em aba horizontal com a extremidade interna reentrante. Dib *ca.* 200 mm.

58 - RAJG.19/540. Sond. C, Q. I7, C. 5B. Tacho de bordo em aba horizontal, pouco espessada com a extremidade interna convexa e reentrante. Dib *ca.* 170 mm.

59 - RAJG.19/444. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Tacho de bordo em aba horizontal com a extremidade interna convexa e não reentrante. Dib *ca.* 170 mm.

60 - RAJG.19/741. Sond. C, Q. K7, C. 5B. Painela de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 110 mm.

61 - RAJG.19/926. Sond. C, Q. J6, C. 6. Painela de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 110 mm.

62 - RAJG.19/429. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Painela de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 120 mm.

63 - RAJG.19/391. Sond. C, Q. J6, C. 6. Painela de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 160 mm.

64 - RAJG.19/441. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Painela de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 100 mm.

65 - RAJG.19/455. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Painela de bordo oblíquo, formando garganta interna. Dib *ca.* 130 mm.

66 - RAJG.19/402. Sond. C, Q. J6, C. 6. Painela de bordo sub-vertical, formando garganta interna. Dib *ca.* 110 mm.

67 - RAJG.19/375. Sond. C, Q. I7, C. 5A. Painela de bordo sub-vertical, formando garganta interna. Dib *ca.* 100 mm.

Cerâmica de mesa

68 - RAJG.19/460. Sond. C, Q. J7, C. 5B. Prato covo. Dib *ca.* 390 mm.

69 - RAJG.19/433. Sond. C, Q. I7, C. 5A. Prato de bordo em aba. Dib *ca.* 180 mm.

70 - RAJG.19/449. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tigela. Dib *ca.* 140 mm.

71 - RAJG.19/398. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tigela. Dib *ca.* 160 mm.

72 - RAJG.19/602. Sond. C, Q. J7, C. 5A. Tigela. Dib *ca.* 130 mm.

73 - RAJG.19/390. Sond. C, Q. J6, C. 6. Terrina (?) de bordo em aba convexa, dobrada sobre o bojo e internamente reentrante. Dib *ca.* 220 mm.

74 - RAJG.19/458. Sond. C, Q. J6/I7, C. 6. Jarro de colo subcilíndrico.

75 - RAJG.19/326. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Jarro de colo côncavo.

76 - RAJG.19/239. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Bilha de bordo, inclinado para o exterior, separado por carena de colo troncocónico. Asa ligando a carena do bordo à parte superior do bojo. Dib *ca.* 40 mm.

Diversos

77 - RAJG.19/406. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tampa. Diâmetro *ca.* 95 mm.

78 - RAJG.19/407. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tampa. Diâmetro *ca.* 90 mm.

79 - RAJG.19/298. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Tampa. Diâmetro *ca.* 100 mm.

80 - RAJG.19/439. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tampa. Diâmetro *ca.* 320 mm.

81 - RAJG.19/351. Sond. C, Q. J6, C. 6. Tampa. Diâmetro *ca.* 290 mm.

82 - RAJG.19/977. Sond. C, Q. J6, C. 5B. Peso de tear troncocónico. Alt. 110mm; larg. max. 80 mm; esp. max. 50 mm; peso 599gr.

83 - RAJG.19/438. Sond. C, Q. J6, C. 5A. Peso de tear paralelepípedo. Alt. Actual (fragmento) 110mm; larg. 75 mm; esp. 50 mm.

Produção exógena

Cerâmica de cozinha

84 - RAJG.19/931. Sond. C, Q. J6, C. 6. Almofariz com moldura externa sob o bordo.

Pasta muito compacta com numerosos e.n.p. inferiores a 0,5mm; núcleo e superfícies branco-amareladas (Munsell 2.5Y 8/2). Dib *ca.* 250 mm.

85 - RAJG.19/440. Sond. C, Q, J7, C, 5A. Almofariz de bordo em martelo e pé anelar de secção sub-retangular. Pasta muito compacta com numerosos e.n.p. *ca.* 0,5mm; núcleo e superfícies rosados (Munsell 7.5YR 6/4). Dib *ca.* 280 mm.

Cerâmica de mesa

86 - RAJG.19/345. Sond. C, Q, J6, C, 5A. Bilha com vertedor. Bordo em S. Colo estreito, alto e subcilíndrico. Asa de secção rectangular, ligando a base do bordo à parte superior do bojo. Este é globular com vertedor na zona superior. Fundo plano. Pasta muito compacta e muito fina (e.n.p. não visíveis à vista desarmada); núcleo e superfícies de cor branco-amarelada (Munsell 2.5 Y 8/3). Dib *ca.* 30 mm; alt. do colo 45mm; alt. do bojo 125mm; diâmetro interno do colo 20mm; diâmetro interno do bojo 145mm; diâmetro externo do fundo 110mm.

Referências bibliográficas

- Aguarod Otal, C. (1991) – *Ceramica romana importada de cocina em la Tarraconense*. Zaragoza: Institución Fernando El Católico.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2002) – *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Tavares da Silva, C. (1996) – *Les amphores du Sado (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Pinto, I. V. (2010) – Cerâmica comum do Castelo da Lousa. In J. Alarcão, P. C. Carvalho, A. Gonçalves (coord.), *Castelo da Lousa. Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 219-443.
- Quaresma, A. C. (2006) – Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (1), p. 149-166.